

METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS COM CRIANÇAS NO AMBIENTE HOSPITALAR

Sarah de Jesus Apolinário¹

Rita de Fátima Silva²

APOLINÁRIO, S. J.; SILVA, R. F. Metodologias pedagógicas com crianças no ambiente hospitalar. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 10, n. 1, p. 37-54, jan./jun. 2010.

RESUMO: A prática pedagógica no hospital busca valorizar o indivíduo, resgatando-o do leito em que se encontra à revelia de sua vontade. Desse modo, é indispensável o trabalho do professor na equipe do hospital a fim de evitar prejuízos na aprendizagem dessa criança. Considerando que as condições de desenvolvimento e aprendizagem da criança e do adolescente internados diferenciam-se daquelas encontradas no cotidiano de uma escola formal, a prática do pedagogo hospitalar deve transpor barreiras do tradicional e buscar o encontro da Educação com a Saúde. Desta forma, cabe ao professor empenhar-se em manter o vínculo da criança com a escola procurando evitar atrasos no aprendizado. Sendo assim, desenvolveu-se um estudo bibliográfico cujo objetivo foi investigar e analisar o papel do pedagogo e suas metodologias pedagógicas com crianças no ambiente hospitalar. Por conseguinte, em tempos em que a inclusão é a bandeira levantada para a sociedade de forma geral, é necessário que os olhares também se estendam àqueles em condição temporária ou permanente de desvantagem e que têm sua liberdade cerceada por conta da internação.

PALAVRAS-CHAVE: Prática pedagógica. Aprendizagem. Ambiente Hospitalar.

¹Pedagoga formada pela faculdade Adventista de Hortolândia/IASP
Cidade campinas SP Fone: (19) 88485749 sarahapoli@hotmail.com

²Pedagoga pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; Especialista em Educação Especial Generalista pela Universidade para o Progresso e Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal; Mestre pela FEF/UNICAMP em Educação Física, área de concentração Atividade Física, Adaptação e Saúde; Doutora pela FEF/UNICAMP em Educação Física, área de concentração Atividade Física, Adaptação e Saúde. Professora na Faculdade Adventista de Hortolândia/IASP, nos cursos de Educação Física, Pedagogia e Administração rita_fatima@fef.unicamp.br

PEDAGOGICAL METHODOLOGIES WITH CHILDREN IN HOSPITAL ENVIRONMENT

ABSTRACT: The pedagogical practice in the hospital tries to value the individual, rescuing him from the bed where he is without his own desire. So it is essential to the teacher's work in hospital staff in order to prevent damage in the learning of this child. It's necessary to consider that the conditions of development and learning of child and adolescent inpatients differ from those in the daily routine of a formal school, the practice of hospital educator must overcome barriers of traditional one and try to find a better way to connect Education with Health. In this way it is important that the teachers attempt to maintain the bond between the child and the school seeking to avoid delays in learning. Therefore, we developed a bibliographic study whose aim was to investigate and analyze the task of the teacher and their teaching methodologies with children in hospital. On a moment, when inclusion is the flag raised for society in general, it is necessary to observe of a special way those students who are in temporary or permanent condition of disadvantage and consequently they have their freedom curtailed because of the internment.

KEYWORDS: Teaching practice. Learning. Hospital Environment.

METODOLOGÍAS PEDAGÓGICAS CON NIÑOS EN EL AMBIENTE HOSPITALARIO

RESUMEN: La práctica pedagógica en hospital busca valorizar el individuo, rescatándole del lecho en que se encuentra contra sus ganas. Así, es indispensable el trabajo del profesor en el equipo del hospital para evitar daños en el aprendizaje de ese niño. Considerando que las condiciones de desarrollo y aprendizaje del niño o adolescente hospitalizados se diferencian de aquellas encontradas en el cotidiano de una escuela formal, la práctica del pedagogo hospitalario debe transponer barreras del tradicional y buscar el encuentro de la Educación con la Salud. De esta forma cabe al profesor empeñarse en mantener el vínculo del niño con la escuela, buscando evitar atrasos en el aprendizaje. Entonces, se desarrolló un estudio bibliográfico cuyo objetivo fue investigar y analizar el papel del pedagogo y sus metodologías pedagógicas con niños en el ambiente hospitalario. En tiempos en que la inclusión es tan buscada para la socie-

dad de forma general, es necesario que también se extienda a aquellos en condición temporaria o permanente de desventaja y que tiene su libertad cerceada por cuenta de hospitalización.

PALABRAS CLAVE: Prática pedagógica. Aprendizaje. Ambiente Hospitalario.

1. INTRODUÇÃO

A busca social de uma prática educativa mais reflexiva e investigativa fez surgir a pedagogia como ciência, a fim de problematizar a educação, valendo-se do processo teórico e prático. Essa ciência humana é formada por um conceito amplo que envolve vários aspectos relacionados com a atividade humana geral. “Aplica conceitos e métodos dos campos da atividade humana, no caso, a educação, como poderia também aplicá-los a outros campos como a clínica, o trabalho, etc.” (PIMENTA, 1996, p 45).

O ambiente hospitalar amplia o campo de atuação do pedagogo para fora dos limites da escola, levando-o para diferentes lugares onde a educação se faz necessária e ao mesmo tempo, exigindo dele maior preparo e melhor informação com certas metodologias a serem aplicadas dentro da realidade e limitação das crianças hospitalizadas. Este, preparo analisa a prática educativa, buscando novas alternativas para as ações do pedagogo como formador de cidadãos. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa bibliográfica foi de investigar e analisar o papel do pedagogo e suas metodologias pedagógicas com crianças no ambiente hospitalar.

É necessária uma superação da visão fragmentada em busca de uma visão de todo no atendimento pedagógico, valorizando um conceito integral de educação como aperfeiçoamento humano, englobando razão, sensação, sentimento, intuição e integração cultural como forma de construir uma nova consciência no educando. Portanto, a “Pedagogia está ligada ao ato de condução ao saber e a preparação ao saber e a preocupação com os meios, com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento” (GHIRALDELLI, 1987, p. 8

Com isto o pedagogo hospitalar precisa desenvolver em suas práticas de ensino sua sensibilidade, compreensão e força de vontade, agindo com paciência e audácia para atingir suas metas, trabalhando com projetos criativos e competentes que desenvolvam práticas específicas

para a criança hospitalizada, adaptando as condições que hoje fogem dos padrões normais da sala de aula. “A esperança de que o professor e alunos juntos podem aprender ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria”. (FREIRE 1996, p. 72).

Portanto, a prática pedagógica no hospital valoriza o indivíduo, uma vez que todos lhes inspiram segurança, agindo de forma positiva no processo de cura.

A Metodologia a ser aplicada nesta pesquisa foi de estudos de revisão bibliográfica, no qual autores como: Pimenta (1996), Ghiraldelli (1996), Freire (1996), Matos e Muggiati (2008), Ribeiro (2001), Cardoso (1995), Ceccim e Fonseca (1999), Edaa et al (2008), Brasil, Mec (2009), entre outros serão privilegiados.

Cada um destes autores apresenta observações relevantes que mostram a importância da atuação do professor no ambiente hospitalar, revelam que a criança hospitalizada alcança os objetivos de continuar seus estudos por meio da atuação do pedagogo no processo de ensino e aprendizagem.

Apesar da maioria das pessoas da área da educação não terem conhecimento desta área pedagógica dentro do ambiente hospitalar, a pedagogia hospitalar existe no Brasil há mais de 100 anos e vem proporcionando aos enfermos, segurança na continuidade de seus estudos pelo tempo de internação. Os autores citados baseiam suas pesquisas principalmente no direito da educação para todos, como é prevista pela lei do Estatuto da criança e do Adolescente, pela LDB 9394/96, rompendo barreiras até mesmo em hospitais. Esse trabalho, hoje, abrange em mais de 30 países o trabalho em classes hospitalares, fornecendo educação e auxílio na recuperação dos alunos enfermos.

Desta forma, são necessárias as seguintes observações, no processo que se inicia por intermédio do estudo dos seguintes temas: Preparação do professor e a rotina da criança hospitalizada, o professor e o conhecimento sobre as patologias das crianças hospitalizadas, como lidar com a perda no ambiente hospitalar, metodologias de intervenção e os planos de aula, os materiais pedagógicos e suas aplicações e o pedagogo e a brinquedoteca na classe hospitalar.

1. Preparação do Professor e a Rotina da Criança Hospitalizada

A preparação do professor dentro do ambiente hospitalar é fundamental para que ele conheça e atenda de forma completa e participativa as práticas pedagógicas adaptadas dentro do ambiente hospitalar. A ação do professor deve estar ligada à equipe médica envolvida no processo de recuperação das crianças, em atender necessidades psicológicas, sociais e pedagógicas a fim de evitar prejuízos na educação e na recuperação física e emocional destas crianças.

Sua preparação educacional não é somente oferecer continuidade de instrução as crianças hospitalizadas, mas também de orientá-las sobre o internamento, evitando possíveis traumas nas quais a prática do pedagogo hospitalar deve transpor as barreiras do tradicional e buscar o encontro da educação e saúde utilizando meios que forneçam o aprendizado escolar.

A criança internada para um tratamento hospitalar prolongado acaba tendo defasagem de escolaridade e muitas vezes não retorna à escola devido às dificuldades que encontra.

A legislação brasileira reconhece tal direito através da Lei 1044/69 e do próprio Estatuto dos Direitos da Criança e do Adolescente e denomina de Classe Hospitalar: que é um espaço dentro do hospital aberto para o ensino e aprendizagem da criança enferma.

Em conformidade com a Política Nacional de Educação Especial, publicada pelo MEC/Brasília em 1994, classe hospitalar é uma modalidade da Educação Especial que visa o atendimento pedagógico às crianças e adolescentes que, devido às condições especiais de saúde, encontram-se hospitalizadas. As principais leis que referendam este serviço são segundo Caprini, Della Corte e Favoreto (2002):

- Lei 1044/69;
- Lei 6202/75, e
- Resolução 41, de 13/10/95 – Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados;

Essas leis demonstram claramente o direito da criança à continuação de seus estudos independentemente do local que se encontram, pois, faz parte de seu direito e foi aprovado pela Constituição Brasileira, o trabalho pedagógico dentro do ambiente hospitalar.

Em relação ao atendimento e as necessidades que as crianças apresentam dentro do ambiente hospitalar Nucci (2008, p.22), da Revista Metrópole observa as seguintes orientações do trabalho na pediatria do Hospital Doutor Mario Gatti que faz cerca de 600 atendimentos por mês:

- O atendimento aos internos não se limita às classes hospitalares. Os profissionais vão aos leitos, as enfermarias e aos quartos de isolamento quando o aluno tem restrições por sua condição clínica ou pelo seu tratamento.
- As crianças e adolescentes internados por longos períodos devem continuar recebendo aulas sem prejuízo do tratamento. O atendimento mantém o processo de aprendizagem durante a reabilitação e integra as ações de recuperação dos pacientes.
- Os pais são envolvidos no projeto. Eles fornecem livros, cadernos e todo o material que os filhos utilizam em sala de aula.
- Se a família não tiver condições, o hospital e a instituição entram em contato com a escola para receber o material.

Sobre a orientação prática na intervenção educativa no atendimento hospitalar Gorgodillo (1984, p.156-223) observa que:

A intervenção educativa integrada, sem base teórica, apenas sob seu aspecto concreto de orientação, recairia em pura técnica manipulativa. Na orientação importam mais as atitudes que as técnicas; a personalidade e a capacidade de estabelecer relações pessoais que a ciência adquiriu sobre o tema. A relação pessoal não é somente um elemento importante, mas o núcleo é a base de uma autêntica orientação pessoal.

Observa-se então que o hospital e a escola necessitam de uma parceria tanto no atendimento quanto à observação das demais necessidades das crianças em geral, tendo atitudes e ações esclarecedoras sobre suas atividades em prol da recuperação e no bem estar, no qual a ausência destas atitudes humanas comprometem o desempenho destas crianças principalmente no aspecto emocional, exercendo um trabalho de companheirismo, respeito e compromisso por meio da intervenção possa alcançar. O Jornal Gazeta do Povo (01/11/90) vem divulgando a intervenção pedagógica no trabalho de escolarização no Hospital Pequeno Príncipe,

em Curitiba, relatando que:

Hospitalização Escolarizada, uma nova alternativa para a criança doente. O título já diz tudo, mas não os efeitos sociais benéficos que está trazendo o atendimento escolar para estudantes de diversos graus de educação básica que, apesar de sofrerem com uma doença, conseguem levar adiante o aprendizado dentro do hospital. Isso é o que está fazendo o Hospital Pequeno Príncipe, em Curitiba, depois que um convênio firmado com a Secretária de Educação e a Prefeitura Municipal permitiu o trabalho de duas professoras. Ontem mesmo foi possível observar no setor de Nefrologia do hospital o menino de 14 anos realizar uma avaliação de ciências como parte de suas obrigações escolares.

Sendo assim, Matos e Mugiatti (2008, p.105) reforçam este benefício do hospital escola e afirmam que:

Sendo assim, hospital-escola constitui-se num espaço alternativo que vai além da escola e do hospital, haja vista que se propõe a um trabalho não somente de oferecer continuidade de instrução. Ele vai além, quando realiza a integração do escolar hospitalizado, prestando ajuda não só na escolaridade e na hospitalização, mas em todos os aspectos decorrentes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vezes, traumático da internação. O conhecimento da realidade da criança/adolescente hospitalizado e as medidas preventivas que se façam necessárias são, portanto, pontos determinantes, também do ato pedagógico que vai se delinear a partir destes aspectos.

A participação da equipe da qual faz parte o pedagogo é fundamental para que o trabalho possa crescer no desenvolvimento da sensibilidade, compreensão, de modo que o desânimo não venha abater esta equipe no alcance de seus objetivos, em promover a realização e satisfação na aprendizagem de seus alunos.

“As práticas das classes hospitalares devem estar centradas em encaminhamento pedagógico-educacionais que não deixam de incluir programações lúdico-educativas”. (CECCIM E FONSECA 1999, p.43).

Tudo que for voltado para a recuperação da criança, tanto em seu bem estar físico, emocional e cognitivo, deve ser aplicado e desenvolvido dentro da classe hospitalar, para que as crianças no modo geral saem beneficiadas no processo de recuperação.

O internamento também traz prejuízos para as atividades sociais da criança, uma vez que no hospital ela fica afastada da família, da escola, dos amigos. A falta de ação, de atividade no hospital contribui para que a criança fique sem entusiasmo, sem alegria e sem ânimo para recuperar a saúde, devido a estas frustrações que a criança sofre no decorrer do período estipulado por sua recuperação. Assim, o pedagogo assume o papel de interagir com a criança trabalhando sua autoestima, demonstrando preparo para lidar com as dificuldades da criança enferma e de como ajudá-las a se envolver no processo de ensino e aprendizagem dentro do ambiente hospitalar.

O pedagogo hospitalar precisa desenvolver sua sensibilidade, compreensão e força de vontade, agindo com paciência, equilíbrio emocional para atingir suas metas.

Dessa forma, o preparo do pedagogo permite que ele conheça quais serão as melhores estratégias para lidar com a criança hospitalizada e desenvolver habilidades práticas para produzir conhecimentos de maneira criativa, de acordo com a necessidade de cada criança enferma.

O pedagogo trabalhando juntamente com a equipe hospitalar, contribui com a quebra da rotina desse ambiente, tornando-o mais prazeroso, onde as crianças se distraem, fantasiam, imaginam, criam, ocupando o tempo, aprendendo, conservando os laços com sua vida anterior à internação, pois, a criança sofre grandes influências do ambiente onde ela se encontra.

Quando ela se sente fraca e doente sem poder brincar, longe da escola, dos amigos fica triste e desanimada e necessita de estímulos para se curar. O diálogo entre o professor e a criança hospitalizada é fundamental para que ela se sinta segura e aberta para fazer parte desta interação entre aluno e professor, superando o medo e se adaptando com o novo ambiente. Além disso a atenção e o preparo pedagógico do professor contribuem para o crescimento intelectual e emocional da criança, já que: “Pedagogia está ligada ao ato de condução ao saber a preocupação com os meios, com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento”. (GHIRALDELLI, 1996, p.8).

1.1 O professor e o conhecimento sobre as patologias das crianças hospitalizadas

Algumas doenças próprias da infância que interferem na vida das crianças hospitalizadas e contribuem para longos períodos de internação segundo, Fonseca (2008, p. 23) são:

- Doenças respiratórias;
- Doenças genéticas;
- Dermatológicas;
- Gastro-intestinais em geral;
- HIV;
- Câncer;
- Febre reumática;
- Fibrose cística;
- Anomalias cardíacas, e
- Pneumonia.

Saber sobre essas patologias é fundamental para que o pedagogo esteja apto, atento e disposto a continuar estimulando seu aluno nas atividades. É importante ajudá-lo com sucesso ao retorno para a escola trabalhando incansavelmente, para atingir tais objetivos. Observa-se o apoio da escola por meio de um depoimento no jornal (Gazeta do Povo, 03/07/94, p.3) reforçando que:

[...] sentimos que a aprendizagem não estaciona; a criança recebe as orientações como se estivesse em sala de aula! Pudemos observar que o aluno voltou para a escola e continuou normalmente, captando as explicações da professora e agindo como se não tivesse estado ausente, durante todo período em que ficou internado.

Esse depoimento demonstra uma nova concepção de atendimento hospitalar que não focaliza apenas a patologia, ou o sintoma que a criança apresenta, mas também sua vitalidade e capacidade de manter-se ativa, mesmo quando apresenta alguma enfermidade, respeitando é claro suas limitações. A criança não pode ser prejudicada pelo longo período de internação que sofre, neste contexto, o pedagogo é o agente de mudanças, pois "entende que o escolar doente não é um escolar comum, ele

se diferencia por estar acometido de moléstia, razão pela qual precisou de cuidados médicos, bem como necessita ainda de ajuda para vencer as conseqüências de sua própria doença" (MATOS; MUGGIATTI, 2001, p. 39)

2. Como Lidar com a Perda no Ambiente Hospitalar

O professor que atua na classe hospitalar é um profissional que tem formação de educador, e por meio de diversas atividades pedagógicas faz um elo entre a realidade hospitalar e a vida cotidiana da criança internada avaliando, acompanhando, intervindo no processo de aprendizagem da criança além de oferecer subsídios para a compreensão do processo de elaboração da doença e da morte. Explicar procedimento médico e auxiliar a criança na adaptação ao hospital. Segundo Ceccim e Carvalho (1997, p. 33):

A enfermidade e a hospitalização das crianças passam por seu corpo e emoções passam por sua cultura e relações; produzem afetos e inscrevem conhecimentos sobre si, o outro, a saúde, a doença, o cuidado, a proteção, a vida. A corporeidade e a inteligência vivenciam essas informações com o conhecimento e saber pessoal. Falar em escola, no hospital, veicula uma aparência de normalidade na anormalidade.

Porém, observa-se que há um quadro negativo no que se refere à criança hospitalizada e a seus familiares, devido às condições físicas, por vezes inadequadas, que lhes provocam estranheza, juntamente com os profissionais da saúde, com um relacionamento distante, onde se preocupam mais com a doença do que com o doente em si. (RAMOS PEREZ AILYL, 2008, p.112).

Portanto, a perda estende-se para os professores, a equipe médica e principalmente a família das crianças envolvidas, pois a família é a receptora da tristeza, do sofrimento, do choro, dos gemidos de seus filhos abalados por seu estado de saúde e pelas condições de um contexto que lhe é adverso. Essas famílias também se ressentiram desse ambiente, pela falta de acomodação e apoio emocional que necessitam receber nestes momentos de dor. Nesse contexto, o pedagogo também lidará com outro tipo de perda. Embora a maioria das crianças saiam satisfeitas com seu

trabalho e esforço, outras nunca retornam aos seus lares. Assim, o pedagogo deve resgatar suas forças mantendo seu foco na perspectiva de vida.

A seguinte matéria intitulada “transplantado renal liberado do hospital” publicada pelo Jornal (Gazeta do povo, 02/12/90) afirma que:

Garoto de 13 anos que teve como doadora a sua mãe, ao deixar o Hospital Pequeno Príncipe, disse estar se sentindo bem e feliz ao voltar para casa. Esse mesmo garoto enquanto permaneceu no hospital concluiu a 4ª série do ensino fundamental dentro do programa de Hospitalização Escolarizada que atende crianças obrigadas a permanecerem por longos períodos internadas. Ele vai para casa com duas certezas, passou para a 5ª série e que a partir de agora poderá ter vida normal.

Neste sentido, apesar das situações traumatizantes, a ação do pedagogo não deve perder de vista seu alvo que é o ser humano, que apesar destes tristes momentos ainda existem outras crianças que sonham e lutam por uma vida melhor, e necessitam de toda ajuda possível independentemente da enfermidade.

O estar hospitalizado por si só já caracteriza a criança ou adolescente como portador de necessidades especiais, independentemente que essa necessidade seja temporária ou permanente. Estar hospitalizado não exclui a criança ou o adolescente das características de seu tempo (ele continua sendo criança ou adolescente), um cidadão que tem o direito ao atendimento de suas necessidades e interesses mesmo quando está doente.

2.1 Metodologias de Intervenção e os Planos de Aula

Quando um professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições e procedimentos. A isso chamamos de métodos de ensino. Cabe ao professor analisar e trabalhar um plano de aula, que ele irá transferir as atividades escolares para a criança, na qual ela realize com bom desempenho e compreenda de forma clara os conteúdos para-didáticos fornecidos pela escola para serem trabalhados conforme a exigência desta instituição.

Para que o plano de aula do professor cumpra sua função é necessário que apresente as seguintes orientações:

- Desenvolvimento de programas educativos;
- Tarefas claras, compreensíveis, adequadas ao nível do conhecimento do aluno;
- Condições de trabalho assegurada;
- Elaboração de materiais educativos;
- Acompanhar o trabalho com os alunos;
- Desenvolver projetos de adaptação para a prática pedagógica adaptada para crianças com necessidades especiais, e
- Relatório de observação das atividades entregue pela escola da criança hospitalizada.

A assistência pedagógica, na hospitalização, sugere uma ação educativa que se adapta às manifestações de cada criança em diferentes circunstâncias nos enfoques didáticos, metodológicos, lúdicos e pessoais.

Quanto à Pedagogia Hospitalar, as modalidades de sua ação e intervenção devem ser muito bem programadas e adaptadas frente às capacidades e disponibilidades do enfermo/hospitalizado (MATOS, 2008, p.105).

A metodologia é composta de métodos que organizam diversas estratégias de pensamento; os métodos de ensino são as ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente em relação a um conteúdo específico. E através destes métodos é que o professor terá uma visão clara sobre as dificuldades de aprendizagem da criança hospitalizada e as formas de abordagem para trabalhar com esta criança.

Desse modo, Fonseca (2003, p.13) afirma que:

O tempo de aprender é o tempo do aluno; interação entre as crianças é tão importante quanto a mediação do professor nas atividades desenvolvidas; e a sala de aula tem o tamanho do mundo (e, no caso da sala de aula da escola hospitalar, serve de mediadora á possibilidade da criança de plugar-se com o mundo fora do hospital).

3. Os Materiais Pedagógicos e suas Aplicações

Durante a hospitalização, a criança apresenta dificuldade em suportar o sofrimento físico, a limitação da atividade motora, sendo assim um dos métodos que o professor utiliza dentro do ambiente hospitalar é a brinquedoteca. O brincar aparece como um “salva-vidas”, um meio de a criança resgatar as brincadeiras, que realizava dentro de casa, na rua, desenvolvendo habilidades psicomotoras, vivenciando momentos alegres e prazerosos individualmente ou em grupo.

Além disso, as brincadeiras durante o processo de hospitalização são excelentes oportunidades para a criança vivenciar experiências, que irão contribuir para seu amadurecimento emocional, aprendendo a respeitar as diferenças entre as pessoas e os objetos.

Dessa forma, as brincadeiras com as crianças hospitalizadas estimulam o raciocínio e a compreensão das estratégias envolvidas pelo professor, permitindo à criança dominar a própria conduta com autocontrole e autoavaliação de suas capacidades e de seus limites. Brincar é por meio de expressão, a forma de integrar-se ao ambiente, por meio dele, a criança assimila valores, adquire comportamentos, desenvolve áreas do conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades psicomotoras (RIBEIRO, 2001).

O papel do pedagogo ao ministrar uma aula é de solucionar problemas e melhorar o ensino, utilizando uma sala separada ou outras para a prática educativa dentro do ambiente hospitalar, atividades diversificadas que são trabalhadas como: vídeos, livros, jogos, acesso à internet, brincadeiras livres, fantoches, pintura, artesanatos, teatro, festas.

O pedagogo cumprirá não só seu papel de resgatar a escolaridade, mas de transformar essas duas realidades (hospital/escola) visualizando o conceito integral de educação e promovendo um aperfeiçoamento humano que atenda as necessidades pedagógicas e afetivas das crianças. Sobre isto Cardoso (1995, p.48) afirma que:

Educar significa utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a integração intercultural e a visão planetária das coisas, em nome da paz e da unidade do mundo. Assim, a educação além de transmitir e construir o saber sistematizado assume um sentido terapêutico ao despertar

no educando uma nova consciência que do eu individuo para o eu trans-pessoal.

Para uma pedagogia hospitalar, portanto, o educador deve desenvolver habilidades para exercer suas atividades a fim de fazê-la reflexiva e transformadora da realidade que envolve o escolar atendido em contexto hospitalar. Por isso, há a necessidade da formação de pedagogos que construam propostas criativas, comprometidas e competentes para o atendimento da criança hospitalizada bem como o preparo da prática de ensino que possibilite atender tal nível de exigência.

3.1 O pedagogo e a brinquedoteca na classe hospitalar

Há muito tempo, pesquisadores têm mostrado a importância do jogo ou do brincar, sendo necessário para o desenvolvimento social, emocional e intelectual. Estes pesquisadores têm demonstrado ao longo de suas pesquisas, que o brincar deve ser utilizado como um meio de fornecer à criança um ambiente planejado, criativo que permita que esta criança desenvolva aprendizagens e habilidades.

O brincar promove o desenvolvimento de todos os domínios da criança como: desenvolvimento físico, cognitivo, emocional, habilidades de coordenação, desenvolve a comunicação, de dividir as coisas. Nas brincadeiras, as crianças aprendem a lidar com seus temores, seu estresse, aprendem proteger seus sentimentos, a identificar suas emoções, a descontrair, a assumir o ponto de vista do outro e de se interagir com o mundo. O brincar faz parte da vida comum de qualquer criança. Nas brincadeiras o professor observa várias atitudes: Expressão, emoções, seus anseios, sua imagem e principalmente sua personalidade. Portanto, o pedagogo necessita compreender esta ludicidade na vida da criança, e fazer parte desta relação no brincar, resgatando a alegria e o prazer por meio deste ato.

Portanto, ainda existe uma certa resistência de alguns educadores de praticar estas atividades lúdicas, com estas crianças. Logo, a maioria destes educadores não vivenciara estas atividades em sua infância, limitando-se o interagir com estas crianças, pois acham que estão apresentando comportamentos infantis ao brincar com as mesmas. No hospital, é de suma importância que o pedagogo tenha prazer e alegria em desenvolver

estas atividades lúdicas para que as crianças possam ser sujeitos de sua própria aprendizagem. Segundo a importância destas atividades, Sonia apud Bomtempo (2008, p.48) afirma que:

Uma vez que o educador tenha dominado esta questão da ludicidade, faz-se necessário que ele assuma, em sua aula lúdica, uma postura do brincar na qual deve renunciar à centralização, à onisciência do domínio do conteúdo, atribuindo ao aluno o papel de sujeito de sua própria aprendizagem. É uma aula que se assemelha, portanto, ao brincar, sem compromisso de produtividade, em que seja capaz de absorver a pessoa que brinca, para se viver com prazer. É uma aula em que o professor e aluno são sujeitos de um mesmo processo de aprendizagem.

Dessa forma, percebe-se a necessidade de que o professor permita que este lúdico se introduza novamente em seu ser, para que ele possa sentir prazer de brincar com crianças hospitalizadas. A brincadeira é também um meio utilizado para preparar a criança para enfrentar determinadas intervenções médicas, como as cirúrgicas, e para facilitar a sua recuperação depois destas intervenções (ALMEIDA, 2003).

Segundo Mello (et al, 1999), o brincar ajuda a criança hospitalizada a recuperar-se de atrasos no desempenho acadêmico decorrente da interrupção participativa da vida escolar necessitando ser estimulada a desenvolver-se e a aprender. O ambiente hospitalar, contudo, só pode se tornar convidativo ao brincar se os profissionais responsáveis pelos atendimentos avançarem nas suas concepções a respeito do mesmo superando um nível meramente intuitivo para uma melhor compreensão do seu significado naquele contexto. O espaço aberto para tais atividades no ambiente hospitalar, como a brinquedoteca propicia para estes alunos a segurança de relaxarem e de se sentirem bem, tirando a imagem de um hospital com um ambiente ameaçador, facilitando o tempo de espera nas consultas e também no período de internamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou para o fato de que as metodologias pedagógicas desenvolvidas dentro do ambiente hospitalar, dependem muito do preparo e esforço do pedagogo em produzir conteúdos pedagógicos de

forma adequada para as crianças enfermas, respeitando seus limites, dores, medos, desejos e trabalhando de forma criativa. Segundo os autores analisados, por meio do pedagogo as crianças estabelecem novamente contato com o mundo, resgatando sua autoestima, promovendo um bem estar físico, emocional e cognitivo dentro deste ambiente hospitalar.

As metodologias pedagógicas são os meios que o professor utiliza em sala de aula para facilitar a aprendizagem dos alunos, conduzindo-os em direção aos objetivos proposto em sua aula, desenvolvendo técnicas, habilidades de ensino que podem ser empregadas de formas diferenciadas através da vivência em que se encontra seu aluno.

Vivenciar estes métodos dentro do ambiente hospitalar é uma experiência difícil tanto para o professor quanto para o aluno, tanto na adaptação do ambiente, dos recursos disponíveis para o espaço escolar, na inclusão e no preparo constante pelas circunstâncias que ocorrem de forma variável, uma vez que estamos lidando com a saúde e doença e suas possíveis consequências. Portanto, ao estudar os resultados que o professor conquista no seu trabalho educacional por causa do devido preparo em trabalhar com todos os meios possíveis para ajudar seus alunos a se desenvolverem no processo de ensino e aprendizagem, é também necessário que ele estude e desenvolva sensibilidade para lidar com os problemas a serem administrados no ambiente hospitalar, tendo consciência que nem todos os envolvidos ao seu redor poderão continuar fazendo parte deste processo de ensino e aprendizagem.

Cabe ressaltar que o mau preparo do professor dos conteúdos a serem aplicados e transmitidos para seus alunos trará grandes prejuízos ao acompanhamento destas crianças ao retorno escolar, trazendo transtorno para a formação da criança, deixando pequenas brechas para o questionamento, se tais metodologias são realmente necessárias para a formação no acompanhamento e aproveitamento da aprendizagem destas crianças hospitalizadas.

Desse modo, as metodologias pedagógicas aplicadas e direcionadas de forma criativa pelo professor, abrem portas para mostrar ao mundo que a educação está por toda parte e transforma vidas, principalmente no processo de ensino e aprendizagem, levando crianças a saírem de um universo do anonimato, traumatizadas pela dor, limitação física da perda de seu espaço, quebrando barreiras, superando desafios, participando deste

projeto que ajudam pessoas a alcançarem, objetivos como indivíduos que têm direito à educação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. de A. **Em busca da confiança necessária para viver criativamente pelo brincar: a criança diante da cirurgia cardíaca.** 2003. 194 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BOMTEMPO, E. (Org.). **Brincando na escola, no hospital, na rua.** 2. ed. Rio de Janeiro: Wark, 2008. p. 112.
- BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/classes.htm>>. Acesso em: 5 abr. 2009.
- CAPRINI, K. O.; CORTE, J. A. D.; FAVARETTO, S. de. C. **Classe hospitalar/brinquedoteca do hospital municipal Dr. Mário Gatti.** Campinas, 2002. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/saude/educ_saude/14.htm>. Acesso em: 21 maio 2009.
- CARDOSO, C. M. **Uma visão holística de educação.** São Paulo: Summus, 1995. p. 48.
- CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. **Criança hospitalizada: atenção como escuta a vida.** Porto Alegre: UFRGS, 1997. p. 33.
- CECCIM, R. B.; FONSECA, E. S. da. Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico-educacional à criança e ao adolescente hospitalizado. **Integração, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial**, v. 21, p. 31-43, 1999.
- FONSECA, E. S. da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** São Paulo: Memnon, 2003. p. 13.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 72.
- GHIRALDELLI, P. **O que é pedagogia.** São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 8.

GORGODILLO, M. V. **La orientación en el processo educativo**. 4. ed. Pamplona: Eunsa, 1984. p.156-223.

HOSPITAL não impede criança de estudar. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 01 nov. 1990.

MATOS, E. M.; MUGGIATI, M. M. T. F. **Pedagogia hospitalar**. 3. ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 105.

MELLO, C. O.; GOULART, E.; MOREIRA, S. In: BOMTEMPO, E. (Org.). **Brincando na escola, no hospital, na rua**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wark, 2008. p. 77.

NUCCI, D. Educação: injeção de ânimo. Estímulo: crianças e adolescentes se beneficiam com o projeto Classe Hospitalar, que dá continuidade aos estudos durante o período de internação. **Revista MetrÓpole**, Campinas, n. 358, p. 22, 2008.

PIMENTA, S. G. (Coord.). **Pedagogia, ciência da educação?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996. p. 45.

PROGRAMA mirim de hospitalização escolarizada. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 03 jul. 1994.

RIBEIRO, P. S. Jogos e brinquedos tradicionais. In: SANTOS, M. P. dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 6. ed. Petrópolis:Vozes, 2001.

SONIA, M. In: BOMTEMPO, E. (Org.). **Brincando na escola, no hospital, na rua**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wark, 2008. p. 48.

TRANSPLANTADO renal liberado do hospital. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 02 nov. 1990.

Recebido em / Received on / Recibido en 12/10/2009
Aceito em / Accepted on / Acepto en 08/07/2010